[Recensão a] Rita Marnoto, A “Arcadia” de Sannazaro e o bucolismo

Autor(es): Alves, Hélio J. S.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42462>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_0_16

Accessed : 26-Apr-2023 09:55:37

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 0

Sá de Miranda a Jorge de Montemor, “Otra vida a Beatriz ha dado Dante” (e la Marnoto bene interpreta l’affermazione come conversione all’assoluta alterità, corrispondenza figurale della Resurrezione cristiana).

Al di là dell’acribia e della ricchezza intertestuale dei rimandi, mi sembrano due i punti a tutt’oggi più vitali. Il primo è la storia di una “vocazione poetica”, come già sviluppava Sanguineti: dal tirocinio guittoniano alla fase cavalcantiana (che significa poi dalla tradizione cortese al tormento anche fisico d’amore), fino alla poetica dell’amore che viene individuato nell’amore stesso: “materia nuova e più nobile” di lingua che parla “quasi come per se stessa mossa”. Conseguendone un *trobar leu* che è congruo alla condizione di letizia angelica, se Beatrice diventa capace di destare amore in tutti e non solo (guinizellianamente) nei cuori gentili per predisposizione naturale. Una scia compartita tra Dante e Petrarca lungo la diversa – e pur complementare – declinazione lirica, che sarà ancora una volta Contini ad intendere nelle sue coordinate differenziali di lingua e di stile.

Il secondo è la storia della *Vita Nova* come percorso di rimemorazione e di memoria. La morte che diventa resurrezione. L’*excipit* che si commuta in profezia. Beatrice che diventa “definitivamente” una creatura della memoria, ma in un senso molto particolare: “Uma criatura que vive no presente graças à palavra que a continua a resgatar da morte do esquecimento”. Presenza trascendente nell’edificio della parola, la *Vita Nova* è dunque un *incipit* che viene dalla fine. Ma che prefigura un altro principio, un principio “altro”, un principio “alto”: passaggio cruciale, come direbbe Steiner (*Language and Silence*), verso ciò che “sta al di là del linguaggio”, verso ciò “che attende il poeta” sul punto di infrangere i limiti del discorso umano”. *Vita Nova* come *Itinerarium mentis in Comoediam*. GIOVANNI TESIO

Rita Marnoto, A “Arcadia” de Sannazaro e o bucolismo, pref. Aníbal Pinto de Castro, Coimbra, Faculdade de Letras, 1996, pp. 159 [includendo cronologia, bibliografia e índice onomástico].

Et in Arcadia ego... A autora poderia ter começado o seu estudo

com estas palavras. Mas se o tivesse feito, não teria sido certamente para as usar, como que em solidariedade para com os textos que apelam ao fascínio fácil pelo recôndito e pelo insólito. Por isso, nada há de comum entre o livro de Rita Marnoto e a forma, no mínimo inexacta, como M. Baigent, R. Leigh e H. Lincoln se referem à *Arcadia* de Jacopo Sannazaro num livro que, por outras vias, é até de grande interesse (*O Sangue de Cristo e o Santo Graal*, Lisboa: Livros do Brasil, cf. pp. 66-68 e 177-8), assim como, na literatura portuguesa, nada existe de conciliável entre o êxito de vendas de um qualquer significado oculto, por mais fascinante que seja, e a apresentação dum trabalho, informado na teoria e competente na análise, acerca dum texto em boa parte bucólico como a *História de Menina e Moça*. Este é o destino das obras sérias: não vendem o bastante, não são reeditadas, exigem uma competência do entendimento que hoje parece exceder as expectativas e, por conseguinte, ao contrário das outras, não suscitam reacções vivas, nem têm entrada nas escolas. Daí que se compreendam as palavras magoadas de Aníbal Pinto

de Castro em prefácio a este livro, quando verbera os poderes políticos pela forma “mecânica e simplista” como pensam os *curricula* universitários, em particular na eliminação das literaturas espanhola e italiana das Licenciaturas (pp. 6-7). Mas se as palavras do prefaciador ressoavam com justa veemência em 1996, no colapso dos estudos literários a que, oito anos passados, os mesmos poderes nos querem fazer assistir, elas parecem já, desgraçadamente, inofensivas.

A melhor resposta possível ao que presentemente está a acontecer com as Humanidades no ensino secundário e superior português não será certamente produzir trabalhos académicos no pior sentido, secos, amorfos, de mera erudição; mas também não será enveredar pelo sensacionalismo, assente no apelo ao mistério e *suspense*, sem fundamentos a não ser os que advêm da mera fantasia especulativa ou, pior, de obsessões ocultistas. Rita Marnoto escreve como estudiosa proba do fenómeno literário, introduzindo o leitor, quase desde o início, ao que é talvez o mais importante na abordagem primacial do objecto literário: a forma como funciona

a sua gramática específica. A chamada de atenção da autora sobre os aspectos enunciativos, logo no capítulo I, exige atenção e não se compadece com facilitismos, mas é fundamental para desenganar, quer aqueles que lêem (ainda) o pastoralismo como documento realista da nostalgia urbana pelo campo e pela natureza, quer aqueles que, mais tentados pelo esoterismo, julgam a obra como alegoria duma verdade histórica secreta. A realidade, embora bem mais difícil de apreender, é infinitamente mais interessante: a *Arcadia* e o bucolismo em geral são “textos abertos”, assentes sobre uma dupla referencialidade semiótica. A abertura da significação potenciada por este método de escrita impede a existência duma cifra única e, ao mesmo tempo, a arbitrariedade da significação. Por outras palavras, a literatura pastoril renascentista, que, ainda por cima, é eminentemente permeável a outros modos e géneros, não pode ser objecto de uso, na acepção que Umberto Eco dá ao termo em *I Limiti dell'Interpretazione* (trad. port. Lisboa, Difel, 1990).

O texto de Rita Marnoto continua depois, traçando, com a segu-

rança que a melhor bibliografia internacional concede, a história do texto e da recepção da *Arcadia*, a sociedade em que o escritor se moveu, o “percurso geográfico-literário” e a “riqueza de entalhas e das articulações que o compõem”, o carácter do prosímetro pastoril e o relativismo da posição de Sannazaro como seu inaugurador (já que, entre outros, Boécio, Dante e especialmente Boccaccio se avizinham do conceito). Todos estes assuntos são cobertos no capítulo 2.º, o qual termina com uma reflexão breve sobre a actualidade dum texto e dum género já muito esquecidos: “Poderá um universo literário habitado por rebanhos e pastores continuar a fascinar um público que se move entre redes informatizadas e sistemas de comunicação via satélite?”. A resposta terá a ver com a ambiguidade e reflexividade da *Arcadia*, em muito semelhantes às da chamada pós-modernidade, ou seja, terá a ver com os “constantes estímulos à reflexão metaliterária e com a pluralidade dos significados que veicula” (p. 62). Não estará aqui certamente uma receita para aqueles que, receando a literatura e as humanidades, receiam

com elas, quer a pluralidade dos nomes e das coisas, quer a reflexão sobre os próprios actos...

O maior nível de pormenor na análise é atingido no capítulo 3.º, onde as questões da língua e do estilo, os modos de identificação das personagens e de enunciação das informações relativas aos *realia*, embora sempre descritos a propósito da *Arcadia* e situados no âmbito da literatura italiana, trazem importantes chamadas de atenção para o que sucede, ou poderia suceder, em outras literaturas de património cultural semelhante. Desenvolvem-se aqui as questões da autoreflexividade, da ausência de enredo, das estratégias de proximidade ao leitor e da simbologia arquetípica, não como partes duma tese geral relativa à ficção estética no seu conjunto, mas apenas como resultados concretos das condições especiais em que o prosímetro pastoril de Sannazaro se elaborou. Quer dizer: Rita Marnoto não defende determinadas perspectivas acerca do fenómeno literário, mas antes expõe os *facta* rigorosamente filológicos, levando-nos daí às conclusões mais verosímeis, se não inevitáveis. Se por vezes ficamos a desejar um ou outro

arremedo interpretativo que rompa sendas para além do estritamente verificável pela melhor filologia (a tal atracção pelo mistério...), logo concluimos que a sobriedade da autora é o melhor caudatário para o real conhecimento da obra de Sannazaro, um escritor de enorme importância nos alvares da Idade Moderna. Os leitores portugueses necessitavam dum livro que, para além de uma introdução à *Arcadia*, lhes mostrasse os múltiplos e lídimos caminhos de fascínio que o bucolismo do autor napolitano pode proporcionar aos exploradores literários vindouros. Esse livro é este mesmo. HÉLIO J. S. ALVES

João Bicker, *Manual Tipográfico de Giambattista Bodoni*, versão portuguesa do texto de Bodoni Rita Marnoto, Coimbra, Almedina, 2001, pp. 145 [incluindo bibliografia]

O *Manual Tipográfico* de Giambattista Bodoni que nos é apresentado por João Bicker não procura ser um fac-símile da edição original de 1818. Esta edição resulta do olhar de João Bicker, que nos apresenta Bodoni.

Estamos perante uma obra que mantém a fidelidade compositiva